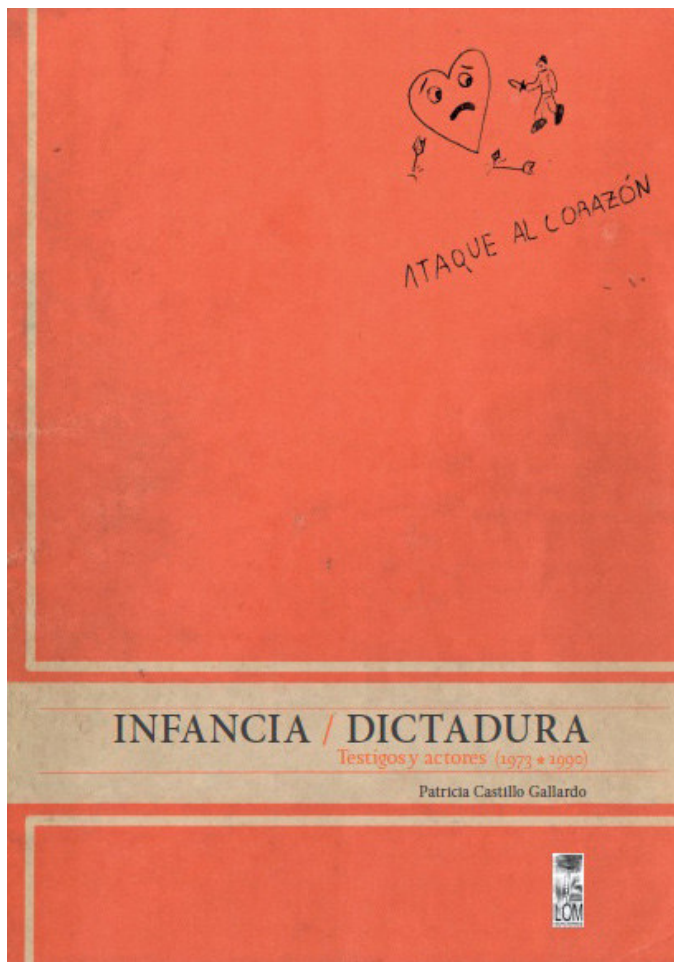


Infancia / Dictadura. Testigos y actores (1973-1990), de Patricia Castillo-Gallardo.

RESENHA POR

Camilo Bácares Jara

“Como alguém pode fazer isso?” Lembranças da infância na ditadura cívico-militar no Chile



Quanto sabemos sobre a configuração das infâncias durante as ditaduras militares que devastaram América Latina na segunda metade do século XX? O que conhecemos dos seus efeitos específicos nas crianças e adolescentes? Como eles percebiam essas épocas e como as encararam? O que pensavam da violência que se fazia cotidiana, permanente, estrutural? Através de que a capturaram, a registraram, a imprimiram para a posteridade?

Certamente, o conhecimento e as pesquisas interessadas em dar luz sobre esses interrogantes são escassas, quase nulas e quando existem, são repetitivas da postura da vitimização das crianças e adolescentes. Por exemplo, para a comissão da verdade do Paraguai se conhece que os torturadores do regime de Stroessner recorriam à tortura de filhos, frente aos pais, que eram acusados de serem inimigos da institucionalidade para quebrá-los (Comisión Verdad y Justicia, 2008). De fato, a reflexão e os estudos da memória

sobre as infâncias surgidas nas ditaduras, das formas e expressões que adotaram nesses contextos, são pouco conhecidas na América Latina. Naturalmente, no continente já existem alguns antecedentes e o que poderia ser um caminho aberto por um número reduzido de pesquisadores que recorrendo à retrospectiva oral deram pistas, entre muitas coisas, sobre a cotidianidade da infância nos anos da ditadura argentina (Llobet, 2015a, 2015b, 2016), sobre a vivência da violência política na Colômbia dos anos cinquenta e sessenta (Cárdenas, 2018; Pachón Castrillón, 2016; Uribe Alarcón, 2015), ou sobre as vicissitudes que passaram as crianças e adolescentes filhos de guerrilheiros no Uruguai (Vescovi, 1997).

Mesmo assim, as pesquisas centradas em reconhecer a presença e a experiência das crianças e adolescentes nos totalitarismos, sem o recurso metodológico de lembrar a partir da idade adulta, teriam poucas manifestações. Os jornais e cartas resgatados por Casal (2017) e Sosenski (2015) acerca de crianças e adolescentes que registraram suas impressões em referência à guerra civil espanhola e à ditadura militar argentina são um insumo importante nesta perspectiva, pouco frequente em termos históricos. Acontece que, numa espécie de síntese das produções sobre as memórias vinculadas às ditaduras – o que, por sua vez, pode se fazer o relativo às guerras –, o comum num primeiro momento foi que se publicaram os textos relatados pelos perpetradores para serem vistos como heróis ou para limpar sua imagem por seus crimes (Noel Moral, 1989; Pinochet Ugarte, 1990; Somoza Debayle, 1980), depois a das vítimas que viveram na própria carne essas violências como provam Levi (1989, 2005), Semprún (1995), Améry (1999), Gavilán (2017, 2019), Suljagic (2007); até que nos últimos anos foram aparecendo as reflexões e anotações que as próprias crianças e adolescentes escreveram nos seus diários para permitirmos conhecer suas posturas, emoções, interpretações e resistências perante à violência vivida (Filipović, 1994; Filipović, Z. e Challenger, 2007).

Justamente, é nesta última linha -produto de um longo percurso histórico-, com suas particularidades e amplitudes, onde se inscreve o livro de Patricia Castillo *Infância/Ditadura. Testemunhas e atores (1973-1990)*. Um livro, que como os bons livros não é definitivo, senão pelo contrário um insumo, uma chamada de atenção e uma inspiração para outros trabalhos, assim como, uma interpelação direta para recuperar o passado mediante as produções das crianças e adolescentes e para repensar a memória, a violência política, o autoritarismo e os enclaves ditatoriais por fora das noções hegemônicas que determinam as definições sobre as infâncias.

Podemos iniciar dizendo que este livro – que contém e problematiza diários, cartas, anotações, postais, desenhos e fotos de crianças e adolescentes exilados e presentes durante a ditadura cívico-militar de Pinochet que foram expostas no Museo de la Memoria y los Derechos Humanos em Santiago de Chile em 2016 – enfrenta várias resistências muito instaladas. Daí sua importância e sua necessária revisão, leitura e continuidade epistêmica, política, curatorial e prática.

Para começar, Castillo refuta o posicionamento de que as vozes e depoimentos que as crianças portam sejam irrelevantes e desnecessários para compreender a realidade social constituída pela violência castrense e estatal. Recorde-se que as correntes

que trabalham para universalizar as teses de que todas as crianças e adolescentes são egocêntricos, tergiversadores e fabuladores têm ganhado terreno, pelo que, suas narrativas são chamadas de imprecisas e geralmente são rejeitadas para falar de uma violência particular. O que tem acontecido quase sempre em cenários de justiça transicional diz muito ao respeito (Bácares, 2019). Mas, Castillo com empenho demonstra que as crianças e adolescentes habitam, criam e recriam as coerções e notícias que se apresentaram na ditadura, que têm uma leitura única do acontecido. Aliás, “na sua condição de testemunhas, iluminam questões particulares da experiência com a violência do Estado, assuntos aos quais não é possível chegar a partir dos relatos do mundo adulto” (Castillo Gallardo, 2019, p.23).

Por outro lado, no livro também há uma valiosa crítica à enraizada ideia de que as crianças e adolescentes são vulneráveis e vítimas sem poder sem ser mais nada, especialmente, quando vêm de famílias atingidas diretamente pela violência do estabelecimento. Geralmente, as categorias de estresse pós-traumático e a da transmissão intergeracional do trauma abandonaram essa presunção, que ignora seu funcionamento singular e como as gerações posteriores têm o arbítrio de reinterpretar, militar e viver à sua vontade a história dos seus seres queridos. De qualquer maneira, a noção de segunda geração das ditaduras tem apoiado, sem querer, esta padronização, que se for lida em forma antinômica dá como efeito a negação da presença histórica das crianças e adolescentes e das suas produções nos anos da ditadura. Portanto, no livro são tão importantes como contraprovas do anterior os depoimentos contextuais das crianças e adolescentes que naquela época viveram em primeira pessoa o regime e que anotaram em diários suas percepções, os horários do toque de recolher, as proibições que os incluíam, os conflitos cotidianos, a morte de Allende, ou suas impressões sobre um acontecimento como o bombardeio ao palácio de governo; sobre este último, Francisca Márquez, uma menina de 12 anos, nos deixa como legado a seguinte lembrança derivada do seu entorno: “Parece que o incêndio em La Moneda é imenso. Por que da minha janela dá para ver a fumaça. Papai acredita que Allende e seus ministros iniciaram o incêndio. E assim podem sair por algum túnel secreto” (Castillo Gallardo, 2019, p.41).

Outro grande logro do livro de Castillo tem a ver com a desconstrução da dicotomia: dependência independência que nos textos oficiais mapeiam à infância e a vida adulta. Curiosamente, tanto na guerra como na ditadura, esse marco tende a se quebrar e a se desconstruir. No que diz respeito do militarismo que imperou no Chile, Castillo propõe que a violência do Estado infantilizou os adultos, tirando eles muitas vezes do seu papel protetor ao estar impossibilitados de controlar o que acontecia, e que, ao mesmo tempo, as crianças e adolescentes emergiram nas relações filiais como seus cuidadores, fosse mantendo sua “ingenuidade”, calando o que se sabia, estudando, ou perguntando pouco.

A isso tudo é preciso adicionar o grande sucesso e a aposta metodológica que dá origem ao livro. Basicamente, depois de buscar nos arquivos o que pudesse estar relacionado à experiência das crianças e adolescentes na ditadura chilena e depois de fazer uma chamada pública endereçada a todos aqueles que tivessem guardado as enunciações infantis depositadas em cartões, desenhos, áudios e diários de vida, Castillo

e seus colaboradores, souberam superar com imaginação vários dilemas substanciais: o que fazer com o achado? Qual é o público ao qual destinar esses achados? Qual o valor do colhido? Qual abordagem outorgar ao material todo? Assim, o desenlace foi desacademizar a pesquisa -sem querer dizer que se desprendesse do seu rigor conceitual- no sentido de evadir a típica formatação de livro para especialistas. No final, a opção escolhida foi a de realizar uma curadoria ou uma exposição com uma vocação de “falar ao outro” (Castillo Gallardo, 2019, p.5), e nesse compromisso incorporar as produções infantis que estiveram resguardadas nos arquivos privados, a um relato histórico nacional que habilita “as palavras íntimas e anônimas em públicas e patrimoniais” (Castillo Gallardo, 2019, p.16). Além disso, como bônus, neste resgate se reafirmou recusar o relato vitimizante para que as pessoas não fossem só a se compadecer com os horrores sofridos pelas crianças e adolescentes, ao se dar a conhecer que nos 17 anos da ditadura chilena as mesmas crianças e adolescentes construíram dimensões afetivas de cuidado e integridade perante a violência estatal através de aniversários, viagens, amizades, militâncias, amores, etc.

Finalmente, este livro é recomendável porque é um texto íntimo, pessoal, sincero, um descenso e um ascenso, um peso que traz sua própria libertação. De fato, quem tem trabalhado com a violência política e infância, sabe bem que depois de percorrer esses dois fenômenos sociais a vida se torna diferente, dura, dolorosa, que num pedaço de nós como pesquisadores fica uma reivindicação por ser feita. Castillo sabe disso, e somos gratos a ela por ter evitado ocultá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMÉRY, J. **Levantar la mano contra sí mismo**: Discurso sobre la muerte voluntaria. Valencia: Editorial Pre-Textos, 1999.
- BÁCARES, C. El protagonismo de la infancia en las Comisiones de la Verdad: desafíos y retos para el posconflicto en Colombia. **Ciencia Política**, v. 14, n. 27, p. 19-46. 2019.
- CÁRDENAS, Y. **Experiencias de infancia. Niños, memorias y subjetividades (Colombia, 1930-1950)**. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2018.
- CASAL, S. Diario de una infancia. Mariana. Secuencia. **Revista de historia y ciencias sociales**, n. 99, p. 185-207, sep/dic. 2017.
- CASTILLO GALLARDO, P. Infancia/Dictadura. Testigos y actores (1973-1990)**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2019.
- COMISIÓN VERDAD Y JUSTICIA. **2008**: Informe Final, Anive haguâ oiko. Las violaciones de Derechos de Algunos Grupos en Situación de Vulnerabilidad y Riesgo, (Tomo III). Disponible en: http://www.verdadyjusticia-dp.gov.py/pdf/informe_final/Tomo%203.pdf Acceso 4 dic. 2019.
- FILIPOVIĆ, Z. **Diario de Zlata**. Madrid: Editorial Aguilar, 1994.
- FILIPOVIĆ, Z; CHALLENGER, M. (Eds.). **Voces robadas**. Diarios de guerra de niños y adolescentes desde la Primera Guerra Mundial hasta Irak. Barcelona: Ariel, 2007.
- GÁVILAN, L. **Memorias de un soldado desconocido**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2017.
- GÁVILAN, L. **Carta al teniente Shogún**. Lima: Debate, 2019.

- LEVI, P. **Los hundidos y los salvados**. Barcelona: Muchnik Editores, 1989.
- LEVI, P. **Si esto es un hombre**. Barcelona: Muchnik Editores, 2005.
- LLOBET, V. “Y yo, ¿dónde estaba entonces?”. Infancia, memoria y dictadura. **Horizontes Sociológicos**, n. 3, p. 46-57. 2015a.
- LLOBET, V. ¿Y vos qué sabés si no lo viviste? Infancia y dictadura en un pueblo de provincia. **A contracorriente. A Journal on Social History and Literature in Latin America**, n. 12, p. 1-41. 2015b.
- LLOBET, V. “Eso era lo normal”. Ser niño en la dictadura: un debate sobre la subjetividad y la política. **Entramados y perspectivas. Revista de la carrera de sociología**, n. 6, p. 1-30. 2016.
- NOEL MORAL, R. **Ayacucho: testimonio de un soldado**. Lima: Publinor, 1989.
- PACHÓN CASTRILLÓN, X. En busca de los niños combatientes en la época de La Violencia en Colombia. **Actas VIII Congreso Infancia y violencia**. Escenas de un drama. Disponible en http://www.tramayfondo.com/actividades/viii-congreso/conferencias/pachon-catrillon_ninos-combatientes-epoca-violencia-colombia.pdf Acceso 4 dic. 2019.
- PINOCHET UGARTE, A. **Camino recorrido: memorias de un soldado**. Tomo I y II. Santiago de Chile: Instituto Geográfico Militar de Chile, 1990.
- SEMPRÚN, J. **La escritura o la vida**. Barcelona: Tusquets, 1995.
- SOSENSKI, S. **Diario de una niña en tiempos de guerra y exilio (1938-1994)**. De Matadepera (España) a ciudad de México. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México; Universidad Nacional de Educación a Distancia; Centro de estudios de migraciones y exilios, 2015.
- SOMOZA DEBAYLE, A. **Nicaragua traicionada**. Belmont: Western Islands, 1980.
- SULJAGIC, E. **Postales desde la tumba**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2007.
- URIBE ALARCÓN, M. V. **Hilando fino**. Voces femeninas en La violencia. Bogotá: Universidad del Rosario, 2015.
- VESCOVI, R. La mirada de los niños. Estudio sobre los hijos de los luchadores sociales en el Uruguay de los años duros. **Boletín Americanista**, n. 47, p. 233-248. 1997.

Palavras-chave: infância, ditadura, memória, autobiografia, protagonismo.

DATA DE RECEBIMENTO: 01/12/2019

DATA DE APROVAÇÃO: 10/12/2019

Camilo Bácares Jara

Doutorando em educação pela Universidad del País Vasco. Mestre em Política Social com Menção em Promoção da Infância pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Califórnia - Estados Unidos. Sociólogo da Universidad Externado de Colombia.

E-mail: comalarulfo@hotmail.com